

Caderno Dois

SHOWS ★ CINEMA ★ TEATRO ★ TV ★ HORÓSCOPO ★ SAMBA

CRUZADAS ★ CLASSIFICADOS

Rio de janeiro, quinta-feira, 12 de março de 1992

O POVO NA RUA

A magia de uma grande família

A DEPOIS do grande sucesso, ano passado, no Rio Show Festival ao lado de Tom Jobim como convidado especial, a Família Caymmi (Nana, Dori e Danilo) se apresenta pela primeira vez numa casa de espetáculos carioca e estréia hoje no palco do Imperator, onde fica impreterivelmente até domingo. Lançando o LP, gravado ao vivo durante a apresentação dos três na Noite Brasileira do Festival de Montreux, a Família Caymmi teve o seu show considerado como um dos dez melhores de 91. Leia reportagem na página 2.



A impecável sonoridade da Família Caymmi no Imperator

Texto de LOURDES CAITANO
Foto de JORGE SILVA

OS bons tempos estão de volta. Pelo menos na música. Depois de quatro dias de folia, em que assistimos a um dos mais belos espetáculos da terra, nada melhor do que sermos presenteados com um show da família Caymmi, que estréia hoje no Imperator, e, até domingo, mostrará ao público carioca por que o bom baiano se tornou célebre e por que produziu, nada mais, nada menos, filhos como Nana, Danilo e Dori (único que não participa do show por se encontrar nos Estados Unidos). A família se comunica através da música e a relação deles no palco é, sobretudo, afetiva. A idéia de cantarem juntos vem desde os 70 anos de Caymmi, comemorado há sete anos, e a última vez foi durante o Rio Show Festival, realizado no ano passado no Rio Centro.

Mas, conforme o próprio Caymmi afirma, não há um compromisso formal. Após o espetáculo, ele viaja para sua fazenda, no município de Piquiri, em Minas; Nana vai para Salvador, enquanto Danilo fica no Rio. Mas, esse novo encontro dos Caymmi é um presente para os cariocas, já que o espetáculo não será apresentado em outros Estados. Acompanhados dos músicos: Muri Costa (violão); Cláudio Guimarães (guitarra); Luizão Paiva (piano); Novelli (baixo) e Ricardo Costa (bateria), Nana, Danilo e Dorival se apresentarão de cada vez e fecharão o show cantando juntos. O espetáculo, produzido por Regina Oreiro, auxiliada por Alexandre Raine e Stela Caymmi, com direção musical de Danilo Caymmi, tem a duração de 40 minutos. Responsável pela abertura do show, Nana interpreta "Se Todos Fossem Iguais a Você", "Cais", "Voz e Suor", "Meu Menino", "Se Queres Saber", "De Onde Vens", "Copacabana", "Mudança dos Ventos", "Beijo Partido", "Dora" e "Saveiros", música que marcou o início de sua carreira profissional. Danilo, por sua vez, canta "Gabriela", "Andança", "Esse Amor", "O Sonho se Perdeu", "Você já Foi à Bahia" e "Vatapá". Após um número instrumental, executado por Danilo, Dorival canta "É Doce Morrer no Mar", "A lagoa de Abaeté", "Coqueiro de Itapoan", "O Vento", "Nem Eu", "Marina" e as inéditas "Para Falar de Teresa" (de parceria com Danilo) que deve ser tema da



Família Caymmi, unida através da música, tem relação afetiva no palco

minissérie, e "Maricotinha". Fechando o show, todos eles cantam juntos "Saudades da Bahia", "Eu Não Tenho Onde Morar", "Maracangalha" e "Adalgisa".

O espetáculo, segundo Nana, é o roteiro passado nos 25 anos de trabalho como cantora. Ela revela que essa produção é popular e feita de acordo com a situação, além de considerar que os preços são acessíveis. Mesmo habituada a shows superproduzidos, Nana diz que, embora quisesse uma mise-en-scène, foram obrigados a se adequar aos tempos de crise. A cantora, que ainda sobrevive ao choque que teve com o acidente de moto sofrido pelo filho, João Gilberto, há dois anos, não vê dificuldades em fazer um show no Imperator e só se preocupa com a distância. "O resto é muito dinheiro que preciso", completa, brincando.

A família Caymmi está lançando pela Polygram um LP gravado ao vivo em Montreux, na Suíça. Nana e Danilo relembram a apresentação da família (com Dori) no Festival de Montreux e acha que a opção de gravar o disco foi um "charme" da gravadora e brinca, mais uma vez, dizendo que é para ganhar o Grammy. Aliás, a família se emocionou com a apresentação de Dori nos Estados Unidos ao lado de Milton Nascimento. Para Nana, é bom levar a música brasileira para fora. Segundo Danilo, a postura atual, em relação à música, é não ficar preso a determinado tipo de coisa, devido à competitividade do mercado, embora acredite que a pior fase tenha sido na época do Plano Collor. "Você tem que ter espírito de guerrilha: estar muito atento ao que está acontecendo", conclui.

A emoção na vida do "Moço Caymmi"

Orgulhoso dos filhos a quem trata com carinho, Caymmi (como Nana) não costuma obedecer roteiros. Ele deixa a emoção fluir durante o espetáculo. "Não sinto emoção antecipada", diz. Baiano típico, Caymmi é preguiçoso e acha que não se adequaria a tanta técnica existente hoje portanto, não tem projeto para gravar mais um disco. Ele gosta de pintar, mas também não tem produzido nenhum trabalho. "O tempo está encurtando: temos 24 horas e 12 para viver", filosofa. Ele revela que pretendia compor uma música em homenagem ao Dia da Mulher, mas foi interrompido por outra mulher, a bisneta, Marina, filha da neta Denise, que é filha de Nana. Aliás, Caymmi deve ganhar outra bisneta, provavelmente no mês de seu aniversário, em abril.

Mas a musa de Caymmi, sem dúvida, é a mulher Adelaide Bastos Caymmi, com quem está casado há 51 anos. E gosta de lembrar quando a pediu em casamento e quanto o público dela — Adelaide era cantora conhecida como Stella Maris — não o perdoou por tê-la tirado do rádio. Caymmi gosta também de lembrar que começou cantando no Municipal, durante uma festa beneficente, vestido de pescador. Acompanhado do maestro Radamés Gnattali, ele cantou "O mar" acompanhado com o violão, o que, aliás sempre foi o seu negócio.

O grande sonho de Caymmi é compor uma música para a mulher. Mas, ao mesmo tempo, acredita que ela vá considerá-lo um "calhorda e hipócrita". Ele confessa que não é apaixonado em fazer shows. "O ato de fazer uma canção sim. Às vezes, me surpreendo, cantando bem", diz o cantor-compositor, que tem vaidade em fazer música e revela preferência por nomes sonoros de mulher.

Caymmi quase morreu do coração quando ouviu a canção "Buda Nagô", composta por Gilberto Gil em sua homenagem. Emoção, afinal, é um sentimento que acompanha o "moço Caymmi", que ele afirma ter deixado de ser, mas também não merece ser chamado de "o velho Caymmi", apenas "Caymmi e seu violão".